

SEMIÓTICA E SEUS ASPECTOS NOS TEXTOS A HORA DA ESTRELA E A HORA DE MACABÉA: uma proposta de intervenção

SEMIOTICS AND ITS ASPECTS IN THE TEXTS A HORA DA ESTRELA E A HORA DE MACABÉA: an intervention proposal

Recebido: 26/01/2023

Aprovado: 11/07/2023

Publicado: 31/07/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i1.3136

Antonio Cilírio da Silva Neto¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6468-5630>

RESUMO: Tem-se por objetivo refletir no texto *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e na pintura *A Hora de Macabéa* (Joel DuMara) uma proposta pragmatista de compreensão semiótica. Teoricamente, relaciona-se questões de interação de textos verbais e não verbais e a sistematicidade da semiótica a partir de Pierce (2017). Visualiza-se o contato da arte, o que ela proporciona e o que pode trazer de oportunidades entre o que está estampado em uma tela ou em páginas de um livro. Para Pierce (1999, 2017) e Wilson e Martelotta (2017) o signo, como coisa, carrega definições na linguagem e possibilita relacionar as semelhanças do objeto e do seu *representamen* (expressão). Para Aristóteles (2014) a “arte” que se utilizava da palavra ficou conhecida como Literatura. Metodologicamente, esses entendimentos contribuem como propostas de conceitos e de análises semióticas acerca dos materiais escolhidos para este estudo, com reflexões da segunda tricotomia da classificação dos signos delineadas por Pierce e referentes à linguagem: o símbolo, o índice e o ícone. Contudo, nas artes propostas para inter-relação e reflexões: *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa* encontra-se relações inter-semióticas e efeitos que o signo tem sobre o leitor intérprete, assim acredita-se que ao compreender e apropriar-se dos códigos de leitura e criação artísticas se adquire valores e conhecimentos relacionados à língua, a arte e às suas próprias ideologias.

Palavras-chave: Semiótica; Signos; Expressão textual; Pragmatismo.

ABSTRACT: The objective is to reflect in the text *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) and in the painting *A Hora de Macabéa* (Joel DuMara) a pragmatist proposal of semiotic understanding. Theoretically, it relates issues of interaction between verbal and non-verbal texts and the systematicity of semiotics from Pierce (2017). The contact of art is visualized, what it provides and what opportunities it can bring between what is stamped on a canvas or on the pages of a book. For Pierce (1999, 2017) and Wilson and Martelotta (2017) the sign, as a thing, carries definitions in language and makes it possible to relate the similarities of the object and its *representamen* (expression). For Aristotle (2014) the “art” that was used of the word became known as Literature. Methodologically, these understandings contribute as proposals for concepts and semiotic analyzes about the materials chosen for this study, with reflections on the second trichotomy of the classification of signs outlined by Pierce and referring to language: the symbol, the index and the icon. However, in the arts proposed for the interrelationship and reflections of *A Hora da Estrela* and *A Hora de Macabéa*, inter-semiotic relations and effects that the sign has on the interpreter reader can be found, so it is believed that by understanding and appropriating the reading codes and artistic creation if they acquired values and knowledge related to language, art and their own ideologies.

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Maranhão: UEMA no departamento de Letras. Professor do Ensino Médio Básico Estadual: Português e Inglês no Centro de Ensino Francisco Alves II. Possui graduação em Letras: Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão-CESI-UEMA (2005). Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) do programa de pós-graduação em Letras (PPGL) na Universidade Federal do Tocantins (UFT) campus de Araguaína. Especialização em Língua Inglesa (CESI-UEMA) e também em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas (FAR-Faculdade Ademar Rosado em convênio com FORUM-Centro de Formação, Estudos e Pesquisas). Atualmente investiga no campo da Teoria e Análise Linguística o Ensino de Gramática. Membro do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFIL) desde 2014. E-mail: antonioneto5@professor.uema.br

Keywords: Semiotics; Signs; Textual expression; Pragmatism.

Introdução

O ensino de literatura, de língua portuguesa e das artes nos diversos ambientes, segundo a BNCC (2018), apresenta-se como forma de ampliar o contato do ser humano com análises fundamentadas nas manifestações culturais e artísticas, e de modo a possibilitar a continuidade da formação de leitores de maneira geral. Assim, acredita-se que as obras *a Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa* apresentam aspectos metodológicos passíveis de intervenções e de análises semiótica e pragmatista.

Diante desse entendimento, este trabalho investiga a semiótica e seus aspectos nos textos *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector, 2020) e na pintura *A Hora de Macabéa* (Joel DuMara, 2017) como compreensão semiótica². Assim, relaciona-se questões de interação de textos verbais e não verbais e sobre a sistematicidade da semiótica a partir de Pierce (2017) para visualizarmos o contato da arte e o que ela proporciona e o que pode trazer de oportunidades entre o que está estampado em uma tela, ou em páginas de livros. Nos apoiamos em Pierce (1999, 2017), Aristóteles (2014) e Wilson e Martelotta (2017). Para esses autores o signo, como coisa, carrega definições na linguagem e possibilita relacionar as semelhanças do objeto e da sua expressão, Aristóteles (2014) dizia que a “arte” da palavra era a própria Literatura.

Desse modo, concorda-se com esses autores, porque o contato com a arte proporciona um entendimento de mundo amplo e traz oportunidades entre o que está estampado em uma tela, ou em páginas de livros, o que possibilita a criação e a formação de um pensamento crítico, perfazendo uma interação entre os sentimentos e as ações do mundo a nossa volta.

A prática da leitura e compreensão literária e semiótica trata-se não apenas de utilizar a leitura para si, mas de buscar interpretar o discurso que a obra oferece, além de buscar seu contexto de produção e representação na sociedade. É necessário que o aluno seja incentivado a ter uma leitura crítica e analítica da arte (TONIN, 2017).

Dessa forma, essa atitude visualiza "o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia

²Projeto de pesquisa PIBIC/UEMA/FAPEMA. Órgão financiador do projeto UEMA/FAPEMA BIC-09771/22

intelectual e do pensamento crítico” (BNCC, 2018, p. 464) e de entender os diferentes funcionamentos da linguagem e interpretação crítica da realidade.

Portanto, na habilidade do campo artístico-literário indaga-se e busca-se responder a seguinte questão: Como a semiótica e o ensino se inter-relacionam com a literatura e as artes visuais? Hipoteticamente, visualiza-se que quando o ser humano compreende e apropria-se dos códigos de leitura e criação artísticas, esse pode adquirir valores e conhecimentos relacionados à língua, a arte e às suas próprias ideologias, assim como à produção de novos conhecimentos semióticos.

Semiótica e a análise do discurso como códigos de criação e compreensão da arte

O termo semiótico tem sua raiz no grego σημειωτική (*semiotiké*) que significa sinal, marca, significação ou “a arte dos sinais”. Introduzido na linguagem científica internacional a partir do século XIX. Semiótica significou a parte da medicina que ensinava a indicação de moléstias, e como segunda acepção "semiologia" vindo do grego para o francês *sémiotique* trouxe o sentido de observação dos sintomas (DUBOIS, 2004 e CUNHA, 1986).

Paulatinamente, a semiótica ganhou novos rumos, da acepção de moléstias e de sintomas, trilhou pelos estudos dos sintomas da língua. Wilson e Martelotta(2017) mostram que Saussure e Peirce dedicaram-se aos estudos dos signos linguísticos na mesma época e em países diferentes. Saussure estuda a ciência dos signos, a Semiologia. Para esse autor o signo linguístico é arbitrário e resulta da associação entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). O signo sendo imagem acústica não é som material e sim relação psíquica que se faz com o significado, com essa visão Saussure percebia, somente, a relação entre o som e o sentido. Peirce nomeou a ciência dos signos como Semiótica, para o filósofo norte-americano, a "ciência dos signos", porque “toda ideia é um signo, o homem é um signo e o mundo está permeado de signos”, dizia ainda, que a realidade devia ser estudada sob um ponto de vista da semiótica (WILSON e MARTELOTTA 2017, p. 72).

Fundados em Pierce (1999), esses autores nos dizem que o signo como coisa carregou e carrega muitas definições na linguagem e na comunicação, e pode representar o seu Objeto, outra coisa. A ideia de que o Signo deve representar esse Objeto, arbitrariamente se dar porque o Signo deve ser distinto do seu objeto (WILSON e MARTELOTTA, 2017).

Santaella (1999) corrobora com a ideia de Pierce, para essa autora a semiótica é definida como “ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 1999, p. 13). Dessa maneira, diz-se, também, que o signo “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém [...] o signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia[...]” (PEIRCE, 2017, p.46).

Dentro da Semiótica proposta por Peirce encontra-se várias classificações de signos, divididos por tricotomias, que depois se ramificam em classes dos signos e que possibilitam relacionar as semelhanças do objeto e do seu *representamen* (expressão) (WILSON e MARTELOTTA, 2017). Para esses autores, a segunda tricotomia da classificação dos signos delineadas por Pierce agrupa elementos referentes a linguagem como o símbolo, índice e ícone, observe esses referentes:

Tabela 1: Elementos sógnicos referentes a linguagem, de acordo com Pierce.

Símbolo	Índice	Ícone
<p>a) Refere-se a determinado objeto, representa-o e estabelece relações.</p> <p>b) Obedece a um hábito ou convenção.</p>	<p>a) Ocorre uma relação de proximidade com o mundo exterior.</p>	<p>a) Tem natureza imagística.</p> <p>b) Apresenta propriedade que se assemelha ao objeto.</p>
<p>Exemplo: A cruz como símbolo do cristianismo e a balança da justiça.</p> <p>Foi na cruz que Cristo morreu. A balança é o equilíbrio e a ponderação, por isso simboliza a justiça.</p>	<p>Exemplo: a fumaça é o índice do fogo e a presença de nuvens negras, o índice de chuva iminente.</p>	<p>Exemplo: a fotografia de um indivíduo é uma representação icônica dessa pessoa ou o mapa do Rio de Janeiro que representa a cidade.</p>
<p>Dessa forma, relaciona-se ao fato que é parcialmente motivado: o símbolo e o conteúdo simbolizado.</p>	<p>Assim, há uma relação entre o índice e seu significado.</p> <p>O índice não representa a coisa, mas é afetado por ela.</p>	<p>O ícone é qualquer coisa que designa algo que lhe seja semelhante em algum aspecto.</p> <p>Exemplo: a tinta vermelha utilizada em uma cena de</p>

		teatro pode representar sangue.
--	--	---------------------------------

Fonte: Baseado no texto de Wilson e Martelotta (2017).

Percebe-se que, há diferenças entre o símbolo e os elementos índice e ícone, nesses há um nível menor de arbitrariedade, Enquanto, o símbolo representa e estabelece relações com seu objeto, o índice ocorre numa relação com o mundo exterior, o ícone possui sua natureza imagística e apresenta semelhanças com o seu objeto.

Indubitavelmente, é importante essa classificação semiótica dos signos por Pierce, pois ela vai de encontro não só com os estudos da linguagem, mas com os domínios da literatura, das artes, da música, do cinema, moda, propaganda, arquitetura e antropologia. Antes, Saussure lança as bases dessa ciência na linguística, já que propunha "a noção de signo linguístico e o caracterizava como um elemento de natureza verbal que possui caráter eminentemente arbitrário" (WILSON e MARTELOTTA, 2017, p. 73).

Contudo, é importante investigar a inter-relação da semiótica com a análise do discurso nas obras *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa* buscando uma reflexão à luz desses elementos sógnicos da linguagem.

Paulatinamente, a semiótica e a análise do discurso como códigos de criação artística possuem pontos de convergência. Isso ocorre porque a análise do discurso demonstra um conceito de mediação entre o ser humano e a sociedade em que ele vive, e essa mediação promove seu relacionamento com a permanência do texto ou a mudança do texto em relação à realidade vigente do analista, em vista disso, a análise do discurso se perpetuou através da produção da existência humana.

O objetivo da análise do discurso, segundo Orlandi (2002, p. 24) é "compreender como os objetos simbólicos produzem sentido" utilizando-se da própria análise de interpretação.

Segundo Mallet (2021) às vezes as obras de artes, (inclui-se aqui a literatura como arte) são carregadas de significados e tem uma finalidade semântica intelectual, como por exemplo, promover uma contemplação através de um certo ponto de vista, desta forma, a obra de arte seria uma forma de se adquirir novos conhecimentos, seja de coisas, pessoas ou situações. Desse modo o artista detém e proporciona a

participação imaginativa de uma visão ou experiência dele sobre aquilo que ele retratou.

Nesse aspecto, a análise do discurso aborda a condição de produção do discurso (contexto histórico e ideológico) e sua interpretação, para Orlandi:

o dispositivo de interpretação tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2002, p. 59).

Portanto, a análise do discurso dos textos busca compreender como os objetos simbólicos produzem sentido. Enfim, a semiótica e a análise do discurso são códigos que auxiliam na fruição, criação e compreensão das artes.

Para se analisar, a partir da semiótica e seus aspectos, os textos *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa*: uma proposta de intervenção, propõe-se uma análise baseada no método do pragmatismo proposto por Peirce (2017) que se fundamenta na teoria de que uma concepção, isto é, reside no:

o teor racional de uma palavra ou outra expressão, exclusivamente, em sua concebível influência sobre a conduta da vida; de modo que, como obviamente nada que não pudesse resultar de um experimento pode exercer influência direta sobre a conduta, se puder definir acuradamente todos os fenômenos experimentais concebíveis que a afirmação ou a negação de um conceito poderia implicar, ter-se-á uma definição completa do conceito (PEIRCE, 2017, p. 284).

Observa-se que, para esse autor, a palavra ou expressão influencia nos experimentos de conduta da vida; de modo que, os fenômenos experimentados estão e são predispostos à afirmação ou negação de um conceito que poderia implicar na sua definição e completude.

Ademais, Fidalgo e Gradin (2005, p. 121) esclarecem que a pragmática é "um método lógico-semiótico de clarificação de ideias", desse modo, o pragmatismo é o método para responder questões sobre o que é o signo e o que ele significa, quais os pensamentos que podem estar associados ao objeto do qual esse signo se refere.

Para tanto, o pragmatismo analisa as impressões que o leitor terá do símbolo, e tais impressões proporcionam a formulação de uma concepção sobre o objeto, essa concepção será responsável pela construção de um pensamento que fará com que o

leitor possa criar um novo *representamen*(expressão) a partir dos conhecimentos já obtidos.

Busca-se realizar reflexões e análises semióticas das obras apresentadas através do conceito de comunicação e semiótica propostos por Peirce (2017) e para isso utiliza-se o segundo conceito da segunda tricotomia dos signos (símbolo, índice e ícone), para fins de interpretação das obras propostas.

Discussões inter-semióticas na obra *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa*

Nestas breves discussões inter-semióticas, como proposta de intervenção, nas obras *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa*, coaduna-se com a ideia de que a arte não se enquadra apenas em um gênero, ela explora todas as possibilidades do ser e do existir. Portanto, entende-se a importância acerca da arte, aqui trata-se da inter-relação da semiótica com a literatura (obra *A Hora da Estrela*) e as artes visuais (obra *A Hora de Macabéa*), ou seja, a interação do texto verbal com o não verbal como suportes de compreensão dos conceitos de interpretação necessários à obra de arte e à vida em sociedade.

Sobremaneira, o contato com a arte proporciona um entendimento de mundo amplo e traz oportunidades entre o que está estampado em uma tela ou em páginas de um livro com receptor, ou seja, com a pessoa que está apreciando a obra, essa possibilita a criação e a formação de um pensamento crítico, trazendo uma comunicação entre os sentimentos e as ações do mundo em sua volta (SOUZA, 2013).

Nesse sentido, observa-se a necessidade de se estabelecer uma relação entre as obras investigadas *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa*, do texto verbal para a não verbal, e os significados que as relacionam. Para Jakobson (2007, p. 65) há três maneiras de se interpretar um signo verbal, a primeira é através da tradução intralingual, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos na mesma língua; a segunda é a tradução interlingual, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; e a terceira, a tradução inter-semiótica, que é a interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais.

Nesta investigação, o estudo fundamentou-se na teoria da comunicação (JACOBSON, 2007) e na semiótica peirciana. Concorda-se com a ideia de que a tradução inter-semiótica tem uma relação triádica, ou seja, a tradução é uma relação

entre signo, objeto e interpretante (QUEIROZ e AGUIAR, 2010, p. 7), como teoria comunicativa e semiótica.

Aqui, foi viável explorar essas relações por dois meios, a primeira é que o signo é a obra traduzida, o interpretante é o signo que irá traduzir e o objeto do signo traduzido, que também é o objeto da obra traduzida, e a segunda é que o signo é o alvo semiótico da interpretação, o objeto desse signo é a obra que será traduzida, e o interpretante é o efeito produzido no intérprete, nessa segunda versão teremos o efeito que o signo produz no leitor (QUEIROZ e AGUIAR, 2010).

Posto isso, a obra pictórica *A Hora de Macabéa* de Joel DuMara é uma tradução/imitação da personagem Macabéa do livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, portanto, em um primeiro momento, constata-se essas relações inter-semióticas e os efeitos que o signo produz sobre o leitor intérprete.

Apresenta-se visualmente as artes o livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector e a pintura do artista plástico maranhense Joel DuMara, *A Hora de Macabéa*.

Contudo, nessas obras há inter-relação da semiótica e da análise do discurso com a literatura e as artes visuais pela tradução inter-semiótica.

A interação entre textos verbais e não verbais pela tradução inter-semiótica

A comunicação é um fenômeno social e se dá mediante a alguma forma de linguagem, que pode se alterar conforme a forma que as pessoas a utilizam, portanto, a linguagem é algo inerente ao ser humano, que possibilita essa comunicação. É importante definir a concepção de linguagem que compreende os estudos aqui propostos. Segundo Travaglia (2002), há três concepções de linguagem definidas: a linguagem como expressão de pensamento; linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como processo de interação.

No entanto, como via de estudos pragmáticos acerca dos aspectos semióticos estudados dentro da arte, nota-se que a utilização da linguagem para realizar ações e atuar sobre o interlocutor enquadra-se melhor na proposta de interação entre literatura e arte, pois a linguagem é “um lugar de interação humana, interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores em uma dada situação de comunicação, em um contexto sócio histórico e ideológico” (TRAVAGLIA, 2002, p. 19).

Corroborando para melhor definição sobre a linguagem, Aguiar (2004) referencia que os códigos de expressão e comunicação na humanidade:

tem suas próprias formas de pensamento e aspectos de linguagem significativas, há múltiplos códigos linguísticos criados dentro das próprias sociedades devido às suas condições de vida, as classes sociais e etc., contudo podemos dividir tais códigos de expressão de comunicação em duas formas, “o verbal e o não verbal. O primeiro organiza-se com base na linguagem articulada, que forma a língua, e o segundo vale-se de imagens sensoriais várias, como as visuais, auditivas, sinestésicas, olfativas e gustativas (AGUIAR, 2004, posição 246)³.

Posto isso, a linguagem vai muito além da utilização apenas do verbo, mas tem sua amplitude caracterizada na pintura, na dança, nos filmes e se utilizam de formas de linguagens para comunicar algo. Nesse sentido, observa-se também uma necessidade de estabelecer uma relação do texto verbal com o não verbal e os significados que os relacionam.

Utilizaremos, portanto, a terceira definição de Jakobson (2007) para a tradução de uma linguagem verbal para uma não verbal: a Tradução Intersemiótica. Plaza (2003), caracteriza a tradução intersemiótica como uma redescoberta do passado, ou seja, a continuidade do passado histórico colocado em páginas de livros, músicas, telas e cinemas. Portanto, esse autor apresenta a intersemiótica como uma “prática crítico-criativa na historicidade nos meios de produção e reprodução, como literatura, como metacriação, como ação sobre estruturas eventos, como diálogos de signos, como síntese e reescritura da história” (PLAZA, 2013, p. 14). De fato, o pensar e transformar os sentidos em signos. Para esse autor:

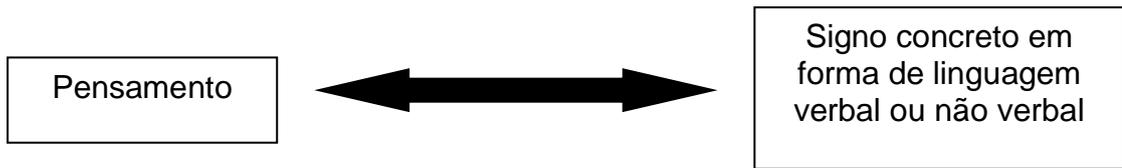
o signo é a única realidade capaz de transitar na passagem da fronteira entre o que chamamos de mundo interior ao mundo exterior. Nessa medida, mesmo o pensamento mais ‘interior’, porque só existe na forma de signo, já contém o germen social que lhe dá possibilidade de transpor a fronteira do eu para o outro (PLAZA, 2013, p. 20).

Posto isso, observa-se o signo sendo signo já no pensamento e sendo traduzido em forma de linguagem é a única coisa que atravessa aquilo que se encontra na linguagem verbal e se transpõe para a linguagem não verbal, pois a linguagem perpassa entre o que é concreto e o que é abstrato da realidade.

Concorda-se que a linguagem já é a própria tradução intersemiótica do pensamento, ou seja, a partir do momento em que um signo concreto estimula um novo pensamento no leitor, disso se cria um signo de pensamento inédito que pode

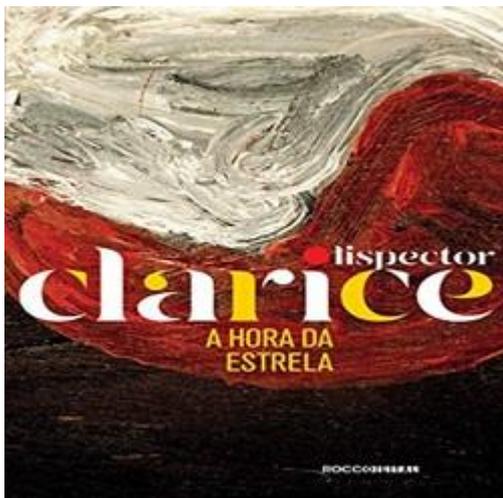
³ Referenciado conforme a disposição de página do livro na plataforma Kindle.

traduzir-se em forma de linguagem, e isto é a tradução intersemiótica entre linguagens, segundo Plaza (2013).



Representamos agora os exemplos com os objetos de estudos propostos, o livro *A Hora da Estrela* da autora Clarice Lispector, e o quadro *A Hora de Macabéa* do artista Joel DuMara.

Fig. 1: Capa do Livro *A Hora da Estrela*

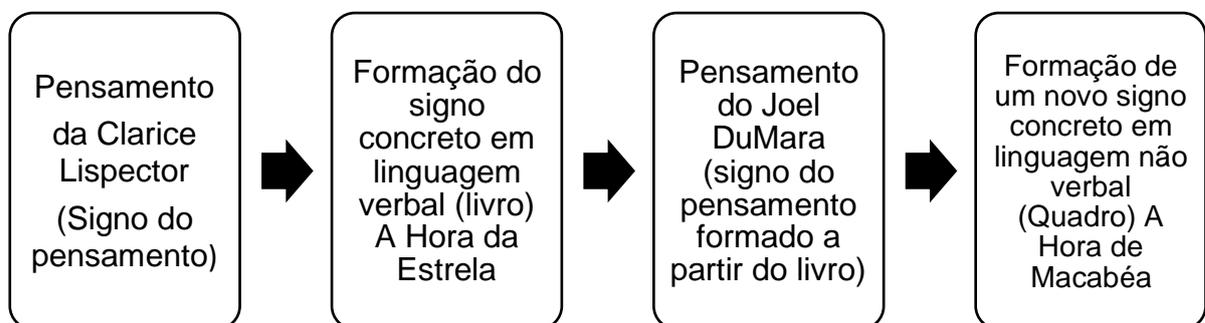


Fonte: Victor Burton e Anderson Junqueira, 2020

Fig. 2: *A Hora de Macabéa*



Fonte: Joel DuMara, 2017



A tradução intersemiótica pode ser dividida em algumas tipologias que contribuem, não para estabelecer um conceito inflexível, mas sim para nortear os processos de tradução, e essas tipologias seguem o mesmo rumo daquelas formuladas primeiramente por Peirce (2010) em sua obra.

Há três tipologias de tradução intersemiótica que Plaza (2013) apresenta na sua obra:

Tabela 2: Tipologias de tradução intersemiótica

Tradução Icônica	Tradução Indicial	Tradução Simbólica
Pautada no princípio da similaridade	Pautada pelo contato entre o original e a tradução	É realizado pela contiguidade constituída, o que é feito por metáforas, símbolos ou outros signos de caráter convencional.
Produção análoga entre os Objetos Imediatos	O objeto imediato do original é transladado para um outro meio.	Se relacionará com seu objeto por força de convenção, e sem essa relação ela não poderá existir.
Produz significados sob a forma de qualidades e de aparências, similarmente.	Dele pode se distinguir dois tipos de Tradução: Topológica-homeomórfica e Topológica-metonímica	Neste caso a tradução é uma transcodificação.

Fonte: baseado no texto de Plaza (2013, p. 90 - 93)

As tipologias da tradução intersemiótica

Para Plaza (2013), o pensamento na tradução intersemiótica, como pensamento intersemiótico, é trânsito de meios e transmutação de formas, é tido como único modo de representação, enquanto o ícone é o único meio de transmitir diretamente uma ideia.

Dessa forma, as tipologias da tradução são, segundo Plaza:

1. Icônica: aumenta a taxa de informação estética, com isso a tradução se distancia da conexão que o original representa, somente as qualidades materiais nos farão lembrar as qualidades do objeto despertando sensações comparativas.

O ícone produz significados a partir das qualidades e aparências entre a pintura *A Hora de Macabéa* e o livro *A Hora da Estrela*, assim será uma transcrição do livro para a pintura.

2. Indicial ou Índice: a tradução é determinada pelo signo antecedente, relação de causa e efeito ou uma relação de contiguidade de referência, se acentua caracteres físicos do signo (Macabéa) que será interpretada pela experiência concreta (a tela: *A Hora de Macabéa*), uma transposição do livro para a pintura.

3. Simbólica: a relação com seu objeto é feita por força de convenção, por conexões, determinando a sua significação. A pintura *A Hora de Macabéa* traz uma convenção, ou seja, uma conexão com a personagem Macabéa do livro da Clarice Lispector, pois há a transposição da personagem do livro para a pintura de DuMara.

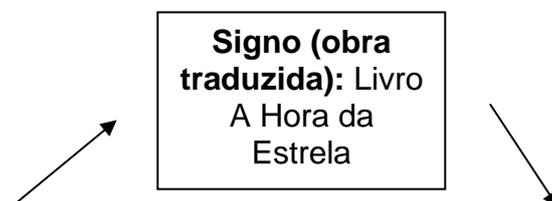
O processo simbólico da pintura determina as leis de como um signo (Macabéa de *A Hora da Estrela*) dá surgimento a outro signo (Macabéa de *A Hora de Macabéa*). O símbolo (pintura) é uma lei ou regularidade de um futuro indefinido, o símbolo governa, se materializa e determina algumas qualidades, une o sensível ao inteligível se tornando o significante (a pintura, *A Hora de Macabéa*).

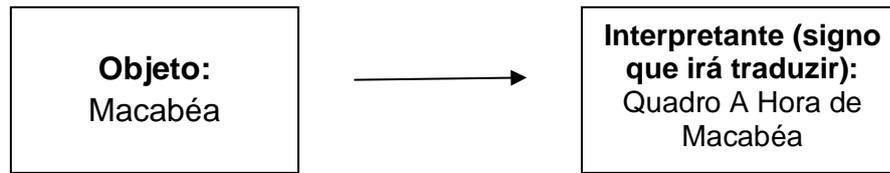
E nessa caracterização Plaza está atuando seguindo os passos daquilo que uma vez Peirce já havia estabelecido.

Outrossim, Queiroz e Aguiar (2010) contribuem para esse pensamento quando apresentam que a tradução intersemiótica tem uma relação triádica, ou seja, a tradução é uma relação entre signo, objeto e interpretante e que a tradução ao produzir um signo de natureza diferente do objeto, desperta um efeito análogo no leitor.

Os autores ainda apresentam os meios de como se estabelece essas relações, sendo a primeira em que o signo é a obra traduzida, o interpretante é o signo que irá traduzir e o objeto do signo traduzido, também é o objeto da obra traduzida. A segunda é o signo ser o alvo semiótico da interpretação, o objeto desse signo é a obra que será traduzida, e o interpretante é o efeito produzido no intérprete. Nessa segunda versão tem-se o efeito que o signo produz no leitor.

Exemplo 1:

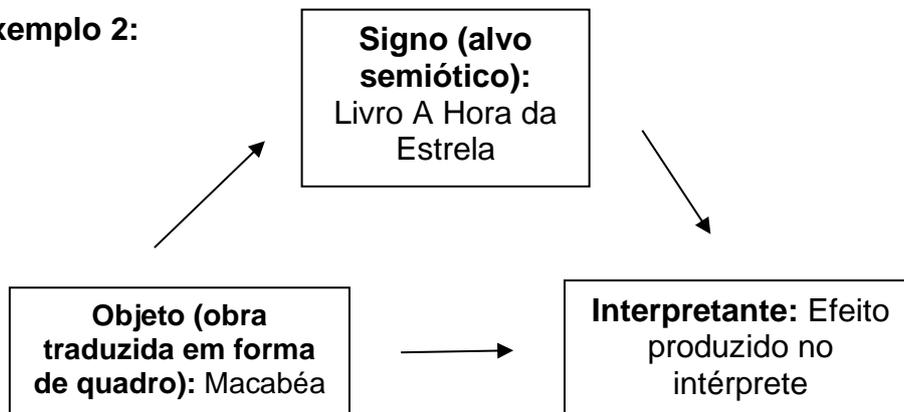




Fonte: Baseado no texto de Queiroz e Aguiar (2010)

No esquema acima, o quadro de Joel DuMara é o signo que vai traduzir o objeto (Macabéa) da obra (*A Hora da Estrela*), portanto o mesmo objeto da obra será também o objeto do signo tradutor (a Macabéa vai ser objeto tanto do livro quanto do quadro). Portanto, o resultado da tradução (quadro) será o interpretante que é o mesmo que o signo traduzido.

Exemplo 2:



Fonte: Baseado no texto de Queiroz e Aguiar (2010)

No esquema apresentado, nota-se que, para a conclusão da relação triádica, é necessário a ação da pragmática, como a resposta do leitor intérprete da obra traduzida, e não mais somente a obra. A resposta do leitor será formulada a partir de conhecimentos prévios do interpretante que produzirá o efeito análogo no leitor. Vale ressaltar que o leitor/intérprete só conseguirá associar o *quadro A Hora de Macabéa* à Macabéa do livro, se anteriormente ele teve contato com o signo traduzido, caso contrário na sua mente a ação análoga lhe levaria para outro estado de pensamento divergente do que está condicionado na obra.

No entanto, não se fala sobre levar o leitor a seguir apenas um pensamento que foi definido e que deve ser interpretado apenas de um modo, mas, sim, uma indicação de que caminho seguir, pois, se tratando de uma tradução, há um produto

por trás daquilo que foi feito, e esse produto, por ser previamente conhecido, colabora para a melhor interpretação mesmo que subjetiva do leitor acerca do tema trabalhado na obra. Pois a subjetividade é algo que a arte considera em relação ao sentido de sua interpretação, já que:

o pintor deixa registrado uma mensagem de impacto em seu público, onde cada observador irá olhar e interpretar e sentir o que é passado muitas vezes de forma diferente da prevista pelo pintor, isso será o ato de comunicação se renovando. “isso acontece porque a intenção comunicativa de todo artista não é determinada por um sentido único; diz respeito a uma significação geral, possível de ser compreendida de modos variados pelos homens de todos os tempos e lugares, o que está em jogo não é um depoimento particular sobre um fato privado que só a ele interessa, mas a provocação de um profundo sentimento humano capaz de ser reconhecido e vivido por todos (AGUIAR, 2004, posição 87).

Por exemplo, no quadro *A Hora de Macabéa*, caso um sujeito não tenha lido o livro *A Hora da Estrela* e não saiba quem é Macabéa, sua interpretação iria para outra linha de pensamento, imaginando que talvez a mulher representada no quadro seja outra. Essa divergência interpretativa do tema da obra quer dizer que o leitor/intérprete não conheceu a obra, portanto, seu conhecimento prévio sobre o tema e que lhe possibilitaria fazer uma relação análoga não foi desperto.

Sendo assim, no quadro ou no livro, o leitor/intérprete considerará muito além do que apenas letras estampadas em um papel, ou tintas espalhadas por uma tela, mas deve considerar a obra como objeto simbólico, onde o autor colocou muito de suas ideologias que o constitui em grupos de pensamentos sociais e históricos. Portanto, cada detalhe aqui apresentado foi necessário para constituir uma tradução e interpretação da obra.

Considerações finais

A análise semiótica e o discurso dos textos *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa* colocam "o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo e o que é dito de outro" (ORLANDI, 2002, p. 59), isso quer dizer que o discurso presente naquelas obras leva o leitor a ouvir no discurso do sujeito aquilo que o texto não diz, mas mesmo assim produziu sentidos.

Nesse aspecto, buscou-se compreender como os objetos simbólicos produziram sentidos, evidenciando o alcance dos objetivos e a relação entre fatos e teoria com as análises dos processos de significações da arte no texto verbal e não verbal à luz da semiótica e da análise do discurso e sua compreensão de códigos de leitura e criação artística nos textos *A Hora da Estrela* e *A Hora de Macabéa*.

Questionou-se que a semiótica e o ensino se inter-relacionam com a literatura e as artes visuais. Com isso acreditou-se que quando o sujeito compreende os códigos de leitura e criação, esse adquire valores e conhecimentos relacionados à língua, a arte e suas próprias ideologias, constituindo-se, assim, novos conhecimentos semióticos.

Este estudo não está fechado, concorda-se que novos entendimentos, propostas, conceitos e análises semióticas acerca dos materiais escolhidos agregam valores às obras analisadas. Contudo, as nossas reflexões sobre os signos, delineado por Pierce (2017), e referentes à linguagem como o símbolo, o índice e o ícone nos serviram para as análises compreensivas e interpretativas.

Portanto, as artes propostas para inter-relação e reflexões, *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector e a pintura do artista plástico maranhense Joel DuMara: *A Hora de Macabéa* encontramos relações inter-semióticas e efeitos do signo sobre o leitor intérprete. Enfim, compreendeu-se que os códigos de leitura e criação artísticas agregam valores e conhecimentos relacionados à língua, a arte e à produção de conhecimentos pragmático/semióticos.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira. **O verbal e o não verbal – Série Linguagens e Representações – Coleção Paradidáticos**. Edição do Kindle. 2004.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO, **A Poética Clássica**. São Paulo: Cultrix, 2014.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Ensino Médio. MEC, 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo (et. al) **Dicionário etimológico** Nova Fronteira da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, Jean et.al. **Dicionário de Linguística**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FIDALGO, António. GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. UBI (Universidade da Beira Interior). Portugal, PT, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 24ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: editora Rocco, 2020.

MALLET, Roberto. **Arte pra quê?** Campinas, SP: editora Cedro, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas – SP, Pontes, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

QUEIROZ, J.; AGUIAR, D. Tradução intersemiótica ação do signo e estruturalismo hierárquico. **Lumina**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, Andréia Cristina de. As Imagens da arte constroem o pensamento crítico reflexivo de alunos do fundamental. In. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções Didático-Pedagógicas**. Londrina – PR, 2013.

TONIN, Cleonilda Maria. Semiótica e Educação, Intrínsecas Relações. **13º ENCITEC**, Criar, Inovar, Empreender, 2017.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WILSON, Victória. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: Martelotta, Mário Eduardo (org.) **Manual de linguística**. 2ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.